

## A construção do estereótipo da bruxa no *Malleus Maleficarum*

Rhayana Antunes Pimentel<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo se propõe a estabelecer uma análise sobre a construção do estereótipo da bruxa na obra *Malleus Maleficarum*, refletindo sobre a difusão de traços que recrudesceram a perseguição as mulheres acusadas de bruxaria.

**Palavras-chave:** Bruxa, estereótipo, Igreja.

### Introdução

O *Malleus Maleficarum* é um manual inquisitorial produzido no ano de 1484, por Heinrich Kramer e James Sprenger. Seus autores eram religiosos alemães, pertencentes a ordem dominicana, conhecida desde sua fundação pelo combate às heresias. Também foram indivíduos que atuaram como inquisidores. O intuito era que a publicação, auxiliasse àqueles responsáveis pela perseguição da heresia da bruxaria, se apresentando como uma obra que funcionava sobretudo como um manual da identificação e punição de mulheres acusadas de bruxaria. A circulação da obra pela Europa foi expressiva, levando em consideração sua difusão através da imprensa que já havia sido criada.

O *Malleus Maleficarum* contava com a influência da concepção de complô demoníaco firmado ainda no século XIII pela Escolástica, que foi a responsável por reforçar a relação firmada tanto entre a bruxa e o Diabo, quanto entre a bruxa e demais demônios, como os íncubus e súcubus. O arcabouço teórico da obra contava com ensinamentos de nomes importante da Igreja Católica como Santo Agostinho, São Jerônimo, São Gregório e São Tomás de Aquino, além de se pautar nas passagens das Sagradas Escrituras para fundamentar as percepções sobre Bem e Mal.

---

<sup>1</sup> Mestranda em História Social pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

O *Malleus Maleficarum* inicia com a presença da bula papal de Inocêncio VIII, na qual o pontífice pontua não só a existência dos atos praticados pelas bruxas, como também reconhece a necessidade de combater a prática, e suas adeptas. É justamente a presença de tal documento, que confere a obra a importância que alcança após sua publicação.

De fato, chegou-nos recentemente aos ouvidos, não sem que nos afligíssemos na mais profunda amargura que em certas regiões da Alemanha do Norte...entregaram-se a Demônios, a íncubus e a súcubus, e pelos seus encantamentos, pelos seus malefícios e pelas suas conjurações, e por outros encantamentos e feitiços amaldiçoados e por outras também amaldiçoadas monstruosidades e ofensas hórridas, têm assassinado crianças ainda no útero da mãe, além de novilhos, e tem arruinado os produtos da terra. (KRAMER e SPRENGER, 2015, p.49)

E não obstante nossos queridos filhos Henry Kramer e James Sprenger, professores de teologia da Ordem dos Monges Dominicanos, tenham sido por Cartas Apostólicas delegados como Inquisidores de tais depravações heréticas. (KRAMER e SPRENGER, 2015, p.50)

O *Malleus Maleficarum* é um produto do final da Idade média, momento que se desenvolviam obras com a mesma finalidade, visando a identificação e combate das heresias identificadas pela Igreja Católica. O movimento de combate aos grupos heréticos se iniciou com a fundação da Inquisição Medieval no século XIII, no ano de 1229. Nos anos seguintes, em 1232, o papa Gregório IX emitiu a bula pontifícia *Ille humano generis* na qual destinou à ordem mendicante dos dominicanos a supervisão da Inquisição.

Nós decidimos enviar os Frades Pregadores contra os heréticos de França e de províncias vizinhas e nós suplicamos e vós exortamos... a que os recebam cordialmente, a que os tratem bem e a que os secundem. (TESTAS, Guy; TESTAS, Jean, 1968, p.16)

A Idade Média ainda carrega a mácula de “Idade das Trevas”, compreendida como um período de atraso cultural e de exacerbação da violência, principalmente contra as mulheres. Dessa forma, se associou ao período a noção de combate intenso às bruxas e da punição na fogueira da maioria das acusadas. Tal ideia não condiz com a realidade histórica, à medida que observamos na Idade Moderna, o acirramento de disputas religiosas e da intensificação da perseguição das bruxas.

Dessa maneira se faz pertinente ressaltar a inexistência de uma única Inquisição, sendo mais adequado abordar a presença de Inquisições como modelos repressivos eclesiásticos que variaram de acordo com o tempo e o espaço. A Inquisição Moderna foi inaugurada a partir do século XV, e apesar de ter construído seus alicerces na experiência da sua antecessora medieval, constituía diferenças características. Ao examinarmos os casos das Inquisições Ibéricas, percebemos distinções referentes a centralização do poder, que oscilava entre a Igreja e o Estado. Sendo assim, o trabalho aqui apresentado se limita a analisar a Inquisição Medieval, que serviu como reflexo para a produção do *Malleus Maleficarum* enquanto manual inquisitorial que se reportava a esse sistema de funcionamento.

## **Desenvolvimento**

A primeira parte da obra, intitulada de “*As três condições necessárias para a bruxaria: O Diabo, a bruxa e a permissão de Deus Todo – Poderoso*”, traz justamente os elementos constituintes da bruxaria. O poder divino é reforçado acima de qualquer iniciativa demoníaca por parte das bruxas, que apesar de serem retratadas como capazes de atos grandiosos, descolados do natural e de origem demoníaca, precisavam da permissão de Deus para agirem contra a humanidade. A bruxaria é entendida na obra, como um mecanismo utilizado para reforçar a glória de Deus, que esperava que o sofrimento terreno causado pelas bruxas fizesse com que os cristãos se fortalecessem na fé católica. No entanto, o ponto de maior destaque encontrado nessa parte da obra, é a menção que os autores fazem ao *Canon Episcopi*.

O *Canon Episcopi* é um documento emitido pela Igreja no século X, em que fica manifestada a descrença que deveria ser empregada em relação aos atos de bruxaria, como podemos observar:

Algumas mulheres pecaminosas são pervertidas pelo Diabo e desencaminhadas por ilusões e fantasias induzidas por demônios, pelo que acreditam que cavalgam à noite em animais na companhia de Diana, a deusa pagã, e de uma horda de mulheres. Acreditam que no silêncio da noite percorrem distâncias enormes. Dizem obedecer às ordens de Diana e , em certas noites, são convocadas para servi-la [...] Muitas outras pessoas também acreditam ser isso verdade, embora seja um erro pagão crer na existência de qualquer outra divindade além do Deus

uno [...] Tais fantasias são introduzidas nas mentes de pessoas sem fé, não por Deus, mas pelo Diabo. Pois Satã tem o poder de transformar-se na figura de um anjo de luz. Nessa forma, ele captura e escraviza o espírito de uma infeliz mulher e transforma-se em várias pessoas diferentes. Mostra ao espírito perturbado dessa mulher coisas estranhas e pessoas desconhecidas, e o conduz em fantásticas jornadas. Tudo isso acontece somente no espírito, mas pessoas sem fé acreditam que tais coisas aconteçam também no corpo. (RUSSEL, Jeffrey; ALEXANDER, Brooks, 2008, p. 61)

Esse documento serve para desconstruir outra ideia recorrente sobre a Idade Média como um período homogêneo, sem transformações, fechado em si mesmo e na ignorância da sua época. Isso também é uma distorção, uma vez que observamos uma série de transformações no período citado, inclusive quando analisamos o posicionamento da Igreja Católica. Por meio do *Canon Episcopi*, fica clara a mudança de discurso e posicionamento da Igreja na Alta Idade Média e na Baixa Idade Média quanto a existência da prática da bruxaria.

Apesar da clara transição de postura adotada pela Igreja Católica, os autores do *Malleus Maleficarum* não reconhecem tal alteração eclesiástica, mencionando o *Canon Episcopi* durante toda a obra, para elucidar a interpretação errônea que o documento teria sofrido desde sua publicação, uma vez que ele pontua o caráter imaginário dos atos provocados pelas bruxas, mas não exclui em definitivo sua existência real. Sendo assim, os autores ressaltam, o caráter herético e até mesmo nocivo que possuía negar a existência da bruxaria.

A Baixa Idade Média foi entendida pelos autores do *Malleus Maleficarum* como período de florescimento da bruxaria, um tempo que assim como qualquer outro contava com a existência de bruxas, mas requeria empenho e combate mais enfático por parte dos cristãos. Fica explícito o pensamento escatológico dentro do *Malleus Maleficarum* quando os autores correlacionam a intensidade da atividade demoníaca com o Final dos Tempos.

Deus, na Sua justiça, permite a prevalência do mal, e do pecado e a do sofrimento, mormente agora que o mundo se vai esfriando e aproximando-se do seu fim (KRAMER e SPRENGER, 2015, p. 169)

Apesar de não excluir os homens da prática da bruxaria, o alvo específico do *Malleus Maleficarum* eram as mulheres. É justamente o fato de atrelar a bruxaria ao feminino, que faz com que o *Malleus Maleficarum* se destaque das outras obras de mesmo caráter produzidas entre o século XIV-XV. Herdando a influência marginal do feminino tanto dos greco-romanos quanto do judaísmo, elementos que são basilares na construção do próprio cristianismo, o *Malleus Maleficarum* põe em cena um discurso altamente acusatório do feminino que extravasa nas suas linhas.

O *Malleus* era militantemente – na verdade, psicopatologicamente – misógino. Por mais intrépidos que sejam no combate aos poderes invisíveis, os autores do texto sentiam um terror das mulheres que beirava a demência. (BAIGENT e LEIGHT, 2001, p. 128).

A repulsa e condenação do feminino teve seus primórdios no estabelecimento firmado entre Eva e as demais mulheres. Ao pecar e arrastar Adão consigo, Eva, a primeira mulher, teria caído em desgraça e manchado as sucessivas gerações de mulheres. A relação de Eva com as mulheres é tão presente no *Malleus Maleficarum*, que aponta ser o poder das bruxas maior em serpentes, por ter sido por meio de uma que Eva foi tentada e expulsa do Paraíso. Não só Eva serviu para respaldar o tratamento dispensado às mulheres, como também personagens femininas da História, que os autores abordaram para menosprezar e alertar sobre o feminino.

Se perquirirmos devidamente vamos descobrir que quase todos os reinos do mundo foram derrubados por mulheres. Troia, cidade próspera, foi, pelo rapto de uma mulher, Helena, destruída e, assim, assassinados milhares de gregos. O reino dos judeus sofreu de muitos flagelos e de muita destruição por causa de Jezebel, que causou a morte dos filhos de seu filho para que pudesse reinar; e cada um deles foi assassinado. O Império Romano sofreu penosamente nas mãos de Cleópatra, a rainha do Egito, a pior de todas as mulheres. E assim como muitas outras. Portanto, não admira que hoje o mundo padeça em sofrimentos pela malícia das mulheres. (KRAMER e SPRENGER, 2015, p. 127)

O feminino era o berço do mal, do pecado e da malícia, agindo sempre a favor dos seus próprios interesses, mentindo e manipulando pessoas e situações. As mulheres ainda eram compreendidas como seres mentalmente inferiores aos homens, indisciplinadas e impulsivas, principalmente em relação

a luxúria. Essas características em conjunto, as deixavam mais propícias a abjurarem a fé em Cristo, e cederem as investidas demoníacas, ou seja, transformando-se em bruxas, como apontam os autores da obra. O *Malleus Maleficarum* explicita continuamente seu posicionamento em relação as mulheres:

Que há de ser a mulher senão uma adversária da amizade, um castigo inevitável, um mal necessário, uma tentação natural, uma calamidade desejável, um perigo doméstico, um deleite nocivo, um mal da natureza pintado de lindas cores [...] O vocábulo mulher é usado para indicar a lascívia da carne. Conforme é dito: “Encontrei uma mulher mais amarga que a morte e uma boa mulher subordinada à concupiscência carnal [...] [As mulheres] são mais crédulas; e, já que o principal objetivo do Diabo é corromper a fé, prefere então atacá-las [...] As mulheres são, por natureza, mais impressionáveis [...] Possuidoras de língua traiçoeira, não se abstêm de contar às suas amigas tudo que aprendem através das artes do mal [...] As mulheres intelectualmente são como crianças [...] A mulher é mais carnal do que um homem, o que se evidencia pelas suas muitas abominações carnis [...] É animal imperfeito, sempre decepciona e mente [...] Portanto, a mulher perversa é, por natureza, mais propensa a hesitar na sua fé e, conseqüentemente, mais propensa a abjurá-la – fenômeno que se conforma à raiz da bruxaria [...] E, com efeito, assim como em virtude da deficiência original em sua inteligência, são mais propensas a abjurarem a fé, por causa da falha secundária em seus afetos e paixões desordenados também almejam, fomentam e infligem vinganças várias, seja por bruxaria, seja por outros meios [...] As mulheres possuem também memória fraca; e nelas a indisciplina é um 31 vício natural: limitam-se a seguir seus impulsos sem qualquer senso do que é devido [...] [São] mentirosas por natureza [...] Consideremos também o seu andar, a sua postura e o seu hábito, onde reside a vaidade das vaidades.”( O martelo das feiticeiras, 1997, p.114-8, 120, APUD RUSSEL e ALEXANDER, 2008, p.121)

A segunda parte “*Dos métodos pelos quais se infligem os malefícios e de que modo podem ser curados*” aborda os poderes das bruxas e a tentativa dos indivíduos afligidos em reverterem o efeito do malefício. O elemento central na construção da personagem da bruxa, que é sua relação com o Diabo é então abordado pelos autores. O *Malleus Maleficarum* não utiliza em momento nenhum a terminologia do Sabá para se reportar a uma reunião noturna das bruxas, mas cita confissões de mulheres que teriam sido acusadas de bruxaria e descrito como se dava a realização do Pacto, ou também descrito na obra como juramento sacrílego. Eis a descrição:

Dúplice é o método de juramento sacrílego. Numa de suas modalidades, é feito em cerimônia solene. Na outra, é privada, e o juramento é feito ao Diabo em qualquer hora e em sigilo. A cerimônia solene é realizada em conclave, com data marcada. Nela, o Diabo aparece às bruxas em forma de homem, reclamando-lhes a fidelidade que será firmada em voto

solene. Em troca, promete-lhes a prosperidade mundana e longevidade. Depois, as feiticeiras recomendam-lhe uma iniciante- uma noviça- para seu acolhimento e aprovação, a quem o Diabo então pergunta:

- Juras repudiar a fé e renunciar à santa religião cristã e à adoração da mulher anômala? – porque assim chamam a Santíssima Virgem Maria.

- Juras nunca mais venerar os Sacramentos?

Se então parece-lhe que a nova discípula está disposta a assentir com o que lhe é pedido, estende-lhe a mão, ao que ela responde fazendo o mesmo e, de braço estendido, firma o juramento e sela o próprio destino. Feito isso, o Diabo prossegue:

- Ainda não basta.

- E o que mais há para ser feito? – indaga a discípula.

- É preciso que te entregues aa mim de corpo e alma, para todo o sempre, e que te esforces ao extremo para trazer-me outros discípulos homens e mulheres. – E assim prossegue na preleção, explicando-lhe como fazer a pomada especial dos ossos e dos membros de crianças, sobretudo de crianças não batizadas; e por tudo isso, e com a ajuda, ela se verá atendida em todos os seus desejos. (KRAMER e SPRENGER, 2015, p.223-224).

A partir do contato com tal relato, identificamos alguns estereótipos atribuídos a bruxa, como a relação carnal e de vassalagem firmada entre a bruxa e Diabo, e o sacrifício ritual de recém nascidos realizados a mando do Diabo por essas mulheres.

O Diabo tirava vantagem da relação estabelecida com a bruxa, por puro deleite em corromper as almas e ofender a Deus, tomando para si parte de sua criação e aumentando simultaneamente, a autorização divina em propagar tentações e causar malefícios. A bruxa tinha a função de atuar como cúmplice terrena do Diabo e artífice da difusão da sua maldade.

A sexualidade da bruxa é retratada como obscena e desenfreada, a ponto de romper com os próprios limites humanos. Eram acusadas não só de praticarem relações sexuais com homens, mas também com o Diabo e com demônios sexuais de forma voluntária. Os dias mais propensos ao prazer, com o desejo de incitar à ira divina, consistiam nos dias santos, como Natal e Páscoa. Súcubus e Íncubus mantinham relação sexual com as bruxas para causar duplicado mal, não só ao corpo, como também à alma. Sob o auspício de determinados astros, esses demônios inferiores podiam assumir as formas feminina ou masculina quando desejassem. Como súcubus se transformavam em mulheres para coletarem o sêmen do ato sexual que mantinham com os

homens, estes majoritariamente retratados na obra como vítimas, por não saberem a realidade do que acontecia. Posteriormente como incubus, depositavam o material extraído em alguma bruxa para que fosse realizada a procriação. A obra atenta para as implicações resultantes dessas abominações, uma vez que mesmo que a criança gerada não fosse filha do demônio, possuía na sua concepção inspiração demoníaca, que resultaria na futura prática da bruxaria, como acreditavam autores do *Malleus Maleficarum*. Ou seja, a obra destaca a existência da hereditariedade da bruxaria, destinando suspeitas e acusações através de gerações. Assim como atrelava à bruxa o sexo como algo carregado de pecado e intrínseco ao seu universo.

A crença no sacrifício de bebês exerceu influência direta na suspeita que recaiu sobre as parteiras, descritas no *Malleus Maleficarum* como o tipo de bruxa responsável pelos piores males.

[...] um homem que, vendo ter desaparecido seu filho do berço, saiu a procurá-lo. Acabou por encontrá-lo num congresso de mulheres durante a noite, no qual, segundo declarou em juramento, as viu matarem-no, para depois beberem-lhe o sangue e devorarem-no. (KRAMER e SPRENGER, 2015, p. 163)

Assim como a crença na predileção do rapto de bebês não batizados, visando a impossibilidade de obterem a graça do batismo e salvação, destaca a ligação com o pensamento escatológico que posteriormente consumiu a Idade Moderna. A concepção vigente era da chegada do Fim dos Tempos, que só aconteceria depois da escolha de determinado número de eleitos por Deus, até então o Diabo estaria solto para afligir a humanidade, e procurar retardar a chegada do Juízo Final em que seria derrotado e aprisionado.

Os poderes concedidos pelo Diabo à bruxa eram de ordem variada e extraordinários. Retomando a descrição do juramento sacrílego, o ensinamento da pomada feita com corpos de recém nascidos está na base de um dos poderes mais estereotipados correlacionados a bruxa, que é o de voar.

Eis, enfim, o seu método de transporte pelo ar. Da posse da pomada voadora, que como dissemos, tem sua fórmula definida pelas instruções do Diabo e é feita dos membros das crianças, sobretudo daquelas mortas antes do batismo, ungem com ela uma cadeira ou um cabo de vassoura; depois do que são imediatamente elevadas aos ares, de dia ou de noite, na visibilidade ou, se desejarem, na invisibilidade; pois o



Diabo é capaz de ocultar um corpo pela interposição de alguma outra substancia [...] E não obstante o Diabo realize tal prodígio em grande parte através da pomada – para que as crianças se vejam privadas da graça do batismo e da salvação - , parece que também consegue o mesmo resultado sem o seu emprego. Já que, vez ou outra, transporta as bruxas em animais, que não são de fato animais, mas Demônios naquela forma; e noutras ocasiões, mesmo sem qualquer auxílio exterior, elas são visivelmente transportadas exclusivamente pela força de Demônios. (KRAMER e SPRENGER, 2015, p. 237)

Entre os outros poderes estava a capacidade de se transformar em bestas, da mesma maneira que transformava homens em feras, causar tempestades, destruir plantações, matar o gado e aplicar enfermidades às pessoas. Com um simples olhar carregado de inspiração maléfica, podia causar doenças que colocassem a saúde e vida do indivíduo em risco.

A terceira parte” *Que trata das medidas judiciais no Tribunal Eclesiástico e no Civil a serem tomadas contra as bruxas e também contra todos os hereges*”, finaliza a obra elucidando como deveria ser conduzido todo o processo contra a bruxa, e de que modo ela deveria ser julgada e condenada. O processo de dava de acordo com as normas da Santa Igreja e dos Juízes, uma vez que se tratava de um crime de foro misto, tanto de natureza eclesiástica quanto secular. De início, é interessante considerar sobre o conceito de heresia utilizado pelo *Malleus Maleficarum*, emprestado de São Jerônimo, que afirmava seu sentido etológico como: escolha. Herege era aquele que escolhia uma versão divergente da pronunciada pela Igreja, e a defendia acreditando que não incorria em erro de matéria de fé contra o dogma católico. Além de obstinado em seu erro, só poderia ser considerado herege aquele que fosse cristão, pois estes eram os únicos que estavam sob a tutela da Igreja, excluindo-se obviamente, judeus, mulçumanos e pagãos. As diferenciações existentes sobre os níveis de heresias consistiam entre “heresia formal” (derivada do livre arbítrio, da escolha); “heresia material” (oriunda da ignorância); e “apostasia” (separação pública ou oculta da fé).<sup>2</sup>

A bruxaria é descrita como pecado passível a ação do tribunal eclesiástico, por ser o único capacitado a gerar a reconciliação com o sagrado,

---

<sup>2</sup> Ver para isso: São Tomás de Aquino. Suma teológica. Tradução de Aimom-Marie Roguet et. al. São Paulo: Loyola, 2001. Parte II-II. Questões 11 e 12.

tendo sua própria estrutura jurídica. É condenada da mesma forma como crime civil, pois além de violar a fé, causava danos e prejuízos materiais, devendo ser tratada pela corte secular. Ainda era julgada em comparação ao crime de lesa-majestade, pois a bruxa atentava contra a majestade de Deus, adquirindo das leis civis uma postura rígida, com sua condenação de morte. A bruxaria era tratada como crime de foro misto (*mixti fori*), onde o tribunal eclesiástico trataria da parte competente a suas funções, submetendo o processo e muitas das vezes aplicando penas espirituais, e posteriormente entregando a acusada ao braço secular, que condenaria e aplicaria a pena devida.

Os autores do *Malleus Maleficarum* são categóricos ao exprimirem suas opiniões em relação ao procedimento aplicado às bruxas. A prática da bruxaria enquanto herética e dotada de apostasia exigia que julgasse o crime considerando ambos os delitos para que a pena fosse justa. Porém de antemão, já se explicitava a ideia de descrença na salvação da acusada. A bruxa não poderia ser considerada uma simples herege pela presença da apostasia em suas práticas, que fazia com que se afastasse de Deus propositadamente. Portanto, a natureza da heresia praticada pela bruxaria invalidava qualquer tentativa de redenção, pois mesmo que cumprisse alguma penitência e/ou fosse excomungada, não seria o suficiente como punição para seus crimes, devendo ser condenada à pena capital. Como os próprios autores do *Malleus Maleficarum* elucidam, a intenção da produção da obra mirava na execração pública e incentivo aos juízes para que punissem o crime horrendo de bruxaria. O mecanismo do processo, desde a consideração das denúncias até o desdobramento, culminando na condenação das acusadas, se desenvolvia cerceando toda a viabilidade de defesa da bruxa.

De início uma mulher considerada com má reputação, já levava descrédito, podendo ser denunciada por até duas testemunhas que não precisavam comprovar suas delações. Já sobre as malhas do tribunal da Inquisição, o método de defesa se mostrava um grande desafio. A bruxa a ser julgada não tinha o direito de conhecer a identidade de seus depoentes e seu direito a defesa de um advogado só seria concedida por meio de solicitação direta, e por escolha dos Juízes, excluindo a autonomia da acusada de escolher a ajuda que julgasse adequada. O advogado da ré além de também não poder

conhecer as testemunhas de acusação, deveria jurar perante o Tribunal não defender o caso se fosse herético.

A acusada poderia ser detida até que confessasse seus crimes. Os interrogatórios poderiam ocorrer por tempo prolongado, e quando preciso se faziam presente técnicas de tortura, como forma legítima para extorquir uma verdade oculta. Eram também raspados todos os pelos do corpo da acusada, à procura de marcas que provassem sua servidão ao Diabo. A condenação só podia ocorrer com a confissão feita em momento de lucidez, para que houvesse certeza da veracidade da fala. Caso não ocorresse, a ré voltava a ser novamente interrogada e torturada num outro momento. Os Juízes ainda se utilizavam de engodos para alcançarem seus objetivos, prometendo clemência para sua vida, instruindo a acusada a denunciar o nome de outras bruxas. Deviam fazer acreditar na misericórdia do Tribunal, para que após fosse levada à fogueira. À bruxa estava destinada a culpa por quaisquer que fossem os caminhos que optasse. A confissão lhe caracterizava como culpada do crime de bruxaria, e sua não confissão e resistência frente as investidas e torturas eram interpretadas como artifício causado pelo auxílio do Diabo. O *Malleus Maleficarum* parte da premissa que a bruxa constituía um elemento nocivo à sociedade e sem salvação.

### **Considerações Finais**

A Igreja produziu discursos divergente ao longo dos séculos sobre a prática da bruxaria, sendo necessário levar em consideração as mudanças de acordo com os contextos históricos, sociais e políticos. Louis Althusser elucida que o discurso religioso, principalmente o catolicismo, sustenta uma gama de discursos que vão desde os seus sermões, testamentos, sacramentos e cerimônias. Para pensarmos a bruxaria é necessário em primeira instância considerarmos o cristianismo como religião institucionalizada e detentora de poder. O prestígio do cristianismo se concretizou ao longo da Idade Média, legitimando durante esse processo a religião católica como única e verdadeira

Ao se identificarem como parte de um grupo imbuído dos mesmos princípios, os cristãos enquanto categoria social reconheceu no outro o reflexo

do inverso, justificando o distanciamento e suspeita em relação aos discordantes da religião. Norbert Elias e John Scotson complementam por meio dos conceitos de estigmatização e sociodinâmica o sentido de explicar a forma pela qual determinados grupos qualificados como superiores atribuem aparatos estigmatizados a pequenos segmentos sociais inferiorizados. Sendo assim, um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está instalado em posições de poder dos quais o grupo estigmatizado é excluído. Dessa forma o que vai legitimar o cristianismo como grupo dominante e superior será o discurso cristão proferido pela Igreja.

O *Malleus Maleficarum* é um reflexo de tal discurso. Foi o responsável por inaugurar a associação realizada entre a bruxaria e as mulheres, direcionando dessa maneira uma gama de estereótipos ao gênero feminino que foram responsáveis pela intensificação da perseguição às bruxas na Idade Moderna, e que sobrevivem ainda hoje, sendo reproduzidos em larga escala por produções midiáticas que dialogam diretamente com a concepção de bruxaria demoníaca formulada e difundida pelo *Malleus Maleficarum*.

## Referências Bibliográficas

### Fonte Impressa

KRAMER, Heinrich. O martelo das feiticeiras. Editora Best Seller, 2015.

### Bibliografia

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado. **Rio de Janeiro: Graal**, v. 2, 1985.

BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard. A inquisição. Imago, 2001.

CLARK, Stuart. Pensando com Demônios - A Idéia de Bruxaria no Princípio da Europa Moderna. São Paulo: Edusp, 2006.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. Os estabelecidos e os 'outsiders': sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

LE GOFF, Jacques. A civilização do ocidente medieval. Bauru: Edusc, 2005.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. Bruxaria e história: as práticas mágicas no ocidente cristão. Editora Atica, 2004.

NOVINSKY, Anita Waingort. A inquisição. 1982.

ORLANDI, Eni.. Análise do Discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

RUSSEL, Jeffrey; ALEXANDER, Brooks. História da bruxaria. São Paulo: Aleph, 2008.

RUSSELL, Jeffrey Burton. Witchcraft in the middle ages. Cornell University Press, 1972.

TESTAS, Guy; TESTAS, Jean; PEREIRA. A inquisição. 1968.

TOMÁS, de Aquino. Suma teológica. São Paulo: Loyola, v. 2005, n. 8, 2001.